

ELETROSUL

Fórum de debates sobre a política de operação na Eletrosul

O crescimento econômico experimentado pela sociedade brasileira nos últimos anos estabeleceu a necessidade do aumento da produção de energia, entre outros itens de infraestrutura. As empresas de geração, transmissão e distribuição de energia, por sua vez, passaram a buscar alternativas de crescimento e desenvolvimento da sua participação no mercado de energia.

O mesmo crescimento econômico verificado, também trouxe a expectativa de mais empregos, mais renda, mais qualidade de vida para a sociedade. Nas expectativas da sociedade, estão inclusas as expectativas dos trabalhadores que são, fundamentalmente, os agentes que dão suporte ao crescimento e ao desenvolvimento das empresas, sejam elas públicas ou privadas.

Nesta linha de raciocínio, os sindicatos que compõem a Intersul sempre defenderam, na Eletrosul, a adoção de políticas capazes de combinar a necessidade de crescimento do setor e desenvolvimento da empresa com a necessidade de garantir o melhor serviço prestado à sociedade.

Por outro lado os trabalhadores, principais agentes, que dão sustentação e executam as políticas da empresa, não podem ser ignorados como agentes fundamentais deste processo de crescimento e distribuição dos benefícios que este crescimento pode e deve trazer. Muito menos ainda, os



trabalhadores devem ser excluídos do debate que define tais políticas, em especial nas empresas públicas.

A tentativa por parte da diretoria da Eletrosul de estabelecer uma nova política de operação para fazer frente às suas necessidades de crescimento e desenvolvimento, sem a participação dos trabalhadores e de suas entidades representativas, caminha na contra mão das reais necessidades de uma empresa pública que deve estar à serviço da sociedade, colaborando com os projetos de governo, debatendo com os agentes sociais a fim de encontrar as melhores soluções para gerar e distribuir empregos, renda e qualidade de vida para todos.

Somente depois de muita insistência das entidades sindicais que compõem a Intersul,

do envolvimento da ANEEL e do Ministério Público Federal, bem como as demais ações políticas da Intersul em diversas esferas, a diretoria da Eletrosul finalmente concordou em debater com as entidades sindicais as alterações em sua política de operação. Ainda não se trata da criação de um Grupo de Trabalho, conforme proposta dos sindicatos da Intersul. O modelo de discussão criado pela diretoria da Eletrosul foi o estabelecimento de um Fórum de Debates, que está acontecendo na sede da Empresa, ontem e hoje.

Os sindicatos integrantes da Intersul estarão presentes neste fórum determinados a apontar os equívocos da proposta da diretoria da Eletrosul para a política de operação. Estamos certos de que não será por meio da redução dos

postos de trabalho, da desassistência indiscriminada de unidades operacionais, da não reposição dos quadros de operação e manutenção do sistema que os objetivos legítimos de uma empresa pública como a Eletrosul, serão alcançados. Nossa expectativa é de que a diretoria da Eletrosul e demais representantes da empresa, que estão no Fórum de Debates, compreendam o verdadeiro papel das empresas públicas e que estas empresas não podem ser administradas sob a ótica simplista da redução dos custos e ampliação dos lucros.

A participação no Fórum de Debates é apenas uma das várias ações que os sindicatos integrantes da Intersul fazem e continuarão a fazer, com o compromisso de defender não somente os interesses dos operadores ou dos trabalhadores da área técnica da empresa, mas sim, defendendo o interesse de todos os trabalhadores e da sociedade em geral, pois toda a população sofre a influência, positiva ou negativa, das políticas da Eletrosul.

Pelas razões aqui expostas, os sindicatos que compõem a Intersul aproveitarão a oportunidade de participação no Fórum de Debates para reforçar a necessidade de um modelo de discussão mais aprofundado para a Política de Operação da Eletrosul e outros temas tão importantes como este para os trabalhadores e para a sociedade.

Ausência

Uma das principais características da população brasileira, fruto da colonização portuguesa, da imigração alemã, italiana e espanhola e da exploração da mão de obra africana, é a miscigenação racial e a diversidade étnica.

Nas últimas campanhas realizadas pela Celesc, parece que essa diversidade foi esquecida. A campanha Celesc Presença Total, marcada pela terceirização no atendimento presencial da empresa, também se caracteriza por uma ausência. Não há negros em nenhum material dessa campanha. O Cartaz existente no saguão da Administração Central comprova essa postura.

Não precisamos lembrar que não estamos na África do Sul dos anos 80, auge do regime Apartheid, onde a população negra sul africana era simplesmente ignorada pela mídia e excluída dos postos de trabalho.

Há alguns anos, a empresa desembolsou uma fábula com o objetivo de receber o certificado SA8000, que reconhece internacionalmente que a portadora deste título, inibe as práticas de



assédio moral, racismo e trabalho infantil. As irregularidades encontradas pela comissão foram tantas, que o projeto foi para o ralo junto com os mais de R\$ 100.000,00 investidos.

A Intercel lembra aos responsáveis pela campanha que estamos no Brasil, e não na Suécia. Será que o escritório de propaganda contratado possuía somente modelos no padrão nórdico de beleza? Longe de ser um protesto ca-suísta, o que cobramos da Celesc é que retrate os empregados da empresa e a população catarinense da forma que ela realmente é: com suas diferenças e todas as qualidades advindas dessa diversidade.

TERCEIRIZAÇÃO

Representante da Intercel participa de audiência pública sobre terceirização

Nos últimos dias 04 e 05 (terça e quarta) o representante da Intercel, Leandro Nunes da Silva, participou de audiência pública, em Brasília, promovida pelo TST (Tribunal Superior do Trabalho) sobre a terceirização de mão de obra. A intenção do TST é debater o fenômeno que avança em todos os setores - a contratação de trabalhadores por empresa interposta - e que tem uma série de implicações que ainda não estão devidamente regulamentadas

e não são objeto de lei. Participaram do evento advogados, procuradores e representantes do terceiro setor.

Foram debatidos, principalmente, a precariedade das terceirizações e os prejuízos aos trabalhadores, entre eles salários menores, jornada maior, redução dos direitos trabalhistas, precarização da saúde e segurança, grande rotatividade de mão de obra, grande número de trabalhadores dentro do mesmo ambiente de trabalho

e um índice gritante de acidentes de trabalho, em comparação com os trabalhadores contratados diretamente pelas empresas.

Segundo informação do presidente da ANPT (Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho), o procurador Sebastião Vieira Caixeta, durante a audiência, de cada cinco mortes ou acidentes quatro envolvem trabalhadores terceirizados. Ele alertou que isso acontece principalmente nos setores elétrico e petroleiro.

TRACTEBEL

Data-base: este mês tem plenária dos trabalhadores

Foram concluídas com êxito as assembleias realizadas com os empregados de todas as áreas da Tractebel Energia, visando o Acordo Coletivo de Trabalho 2011/2012.

No dia 15 deste mês, estará sendo realizada a Plenária dos trabalhadores onde serão definidas as reivindicações que irão compor uma Pauta que será entregue à direção da Tractebel Energia no próximo dia 19. Neste ano, conforme já foi discutido nas assem-

bleias, a Plenária definirá os candidatos ao cargo de representante dos empregados no Conselho de Administração da Tractebel, efetivo e suplente, que serão apoiados pelos sindicatos que compõem a Intersul.

A plenária será realizada em Florianópolis, no Ingleses Praia Hotel, e as inscrições poderão ser feitas até amanhã, dia 07, nos sindicatos.

Vida Viva 2011 aconteceu em Concórdia

O Sinergia desde 2005 faz parte da Rede Vida Viva, que tem como finalidade discutir a saúde do trabalhador nas suas várias dimensões. Envolvendo as pessoas nos seus locais de trabalho através de uma metodologia participativa onde o trabalhador é sujeito da sua ação, a rede vem se consolidando como um grande e importante instrumento de organização dos trabalhadores.

Nos dias 30 de setembro e 1º de outubro, na sede da Abcelesc, em Concórdia, estiveram reunidos os monitores da Rede Vida Viva em Santa Catarina. Estavam presentes o Sinergia, o Sindicato dos trabalhadores Municipais de Concórdia e o Sintespe.

O encontro ocorre todos os anos, desde 2005, com o objetivo de trocar experiências, fortalecer a organização dos trabalhadores no estado e aprimorar a capacitação dos monitores.

Neste último, realizamos uma oficina de saúde do trabalhador e de CAT (Comunicação de Acidentes de Trabalho), coordenadas pela educadora e pelo monitor da rede Anna Paula Feminella e Mario Jorge Maia. Definimos o plano de ação para 2012 e, por último, foi organizada uma ação de promoção de saúde. Nessa atividade visitamos "O Caminho da Roça", onde encontramos homens e mulheres que depois de uma longa vida laboral urbana escolheram viver integrados com a natureza.

Vários moradores criaram uma associação que permitiu recuperar a história, fazer o que mais amam e receber pessoas para compartilhar seu conhecimento e suas memórias. Ali, no Caminho da Roça, conhecemos a cachoeira do Tigre Velho, o moinho de farinha de milho, caminhamos entre as flores, provamos da cachaça do alambique Nove Amigos e, finalmente, nos deliciamos com a comida típica italiana da família do Nestor. Tudo feito com muito amor, alegria e prazer. Cada lugar foi apresentado pelos proprietários.

Esse encontro foi mesmo muito especial. Voltamos de Concórdia mais fortalecidos, com mais VIDAVIVA!



TVFLORIPA
4 da NET e em
www.tvfloripa.org.br

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalista responsável: Mylene Margarida (MTb/SC 00318 JP). Estagiário: Rafael Spricigo - Conselho Editorial: Leandro Nunes da Silva. Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone (048) 3879-3011. E-mail: imprensa@sinergia.org.br - Site: www.sinergia.org.br. As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

Lutas de classes

Agnor Bicalho (Parafuso)
Dirigente do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra)

A seis mil e onze anos atrás os homens criaram o estado em um regime de escravidão onde um grupo muito pequeno de pessoas tinha todas as riquezas, ou seja, os reis tinham os seus vassalos e criaram seus exércitos de seguranças. A grande maioria do povo eram escravos que faziam todos os trabalhos, tanto na produção de alimentos quanto para satisfazer todas as mordomias dos senhores reis. Nessa época nasciam as lutas de classes onde aconteceram varias revoltas e guerras, muitas lideranças foram mortas e cooptadas.

Esse estado, com o passar do tempo, foi se reciclando e criando muita tecnologia, com isso também foi se criando as lutas de classe em todos os lugares do mundo. Através dessa tecnologia sofisticada criaram novas formas de repressão e cooptação de toda sociedade mundial: primeiro através dos credos religiosos, segundo os meios de comunicação, terceiro a falsa democracia.

No século XVIII a sociedade através dos seus líderes criaram alguns partidos de esquerda que tinham que viver na clandestinidade por que os líderes eram perseguidos e mortos pela repressão do estado. Alguns desses líderes foram exilados, como foi o caso de Cal Marx. No século XIX o estado criou uma pequena abertura, com isso criou-se alguns partidos da ala mais da esquerda, mas em pouco tempo foram reprimidos e seus líderes foram caçados presos ou mortos. No século XX veio uma nova e pequena abertura política, com isso surgiram alguns novos partidos políticos só que todos eles teriam que ser subordinado as ordens do estado. Esse fato levou toda a esquerda num rolo compressor, salvam-se Cuba, Coreia do Norte e Vietnã. Os outros foram todos cooptados pelo estado com seus três poderes, ou seja, o poder religioso, a comunicação e a repressão.

Quero chamar a atenção de toda a esquerda que em 1924 quando morre Lênin, morre a esquerda e seu projeto político. Vejam o que aconteceu com o estalinismo, virou uma colcha de retalhos e cada partido político de esquerda está cheio de tendências, a onde cada dirigente quer saber mais que o outro e ninguém sabe onde quer chegar, a não ser, resolver seus problemas pessoais. Na questão dos movimentos sociais acontecem às mesmas coisas, o estado nos dividiu em categorias diferenciadas e as lideranças também buscam se salvar como pode principalmente o movimento sindical onde está o proletário. O proletário, este sim da pena até de ver, já perdeu o rumo e não sabe o que fazer mais, já criou várias centrais sindicais e vivem brigando entre si.

Nesse contexto e nessa realidade em que vivemos, convindo a todos e todos os movimentos sociais, inclusive as lideranças, para uma reflexão e uma autocrítica.

Vejam que em todo o mundo são mais de sem milhões de seres humanos que dormem nas calçadas, em baixo de viadutos e pontes numa situação degradável. São mais de quatro milhões de crianças que morrem de fome todos os dias antes de completar cinco anos de vida. As próximas gerações, inclusive nossos filhos, irão nos cobrar e a dor será muito maior. Por isso companheiros e companheiras eu vos convindo para fazermos um grade mutirão, fazer um estudo mais profundo para que encontramos um objetivo estratégico visando uma mudança no rumo da história.

Vou falar mais umas coisinhas que é uma pura verdade, esse imperialismo que nos massacra tanto, só está de pé por uma coisa simples chamada fragilidade política nossa, ou melhor, de toda a esquerda. Digo que 85% da humanidade são subordinadas pelos 15% que controla o mundo. Vamos acordar, às vezes costume dizer que aquelas pessoas mais humildes que estão jogadas nas periferias são os melhores filósofos. Pelo menos eles nos dão uma aula de humildade e são mais fraternos do que os teóricos e intelectuais. Os simples ainda conservam sua cultura, que é a coisa mais bela do ser humano, que a maioria dos teóricos e intelectuais perderam há tempos.

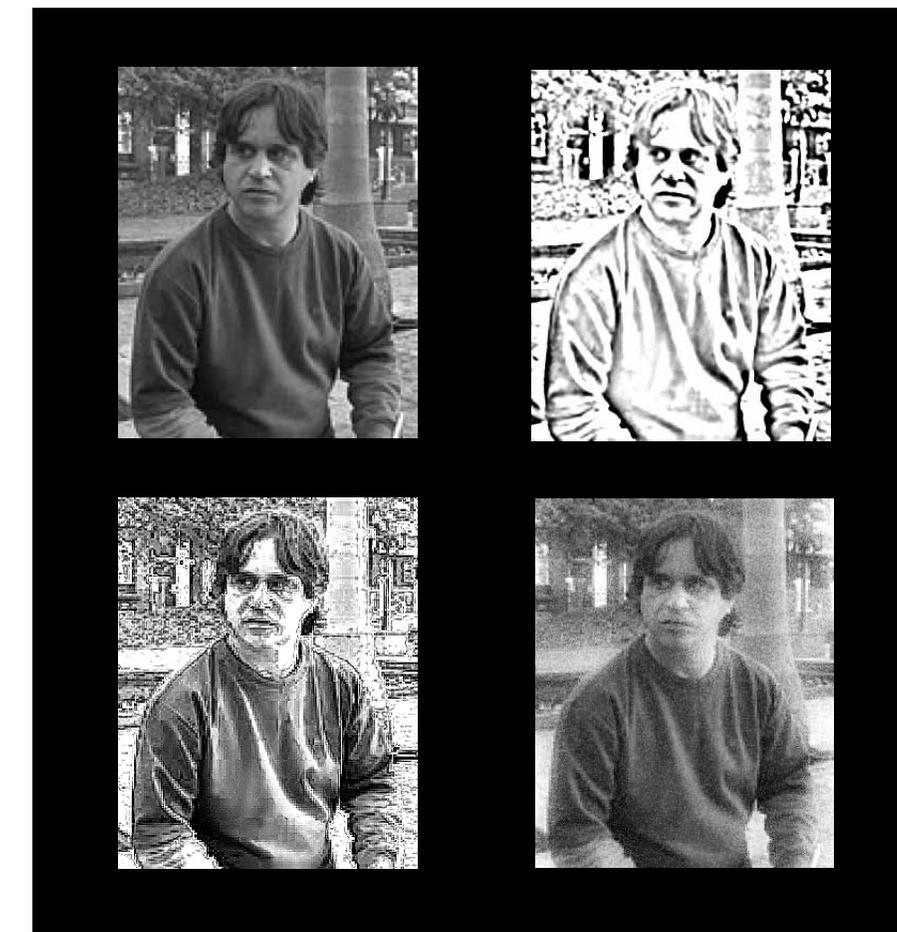
É preciso que assumamos essa causa, lhes digo, o inimigo está dentro de nós e o nome dele é muito simples, é o nosso ego. Se nós não o vencermos não venceremos o outro e também não construiremos o novo homem e a nova mulher.

Onde está Uby?

Lembra daqueles livros da série Onde está Wally? Havia uma multidão desenhada na mesma página e, no meio daquela muvuca, o leitor ou curioso tinha que encontrar aquele carinha de blusa listrada, óculos e gorro. O livro fez tanto sucesso que gerou uma série animada e uma tira de jornal. O Wally eu não conheço, e nem sei se existe na vida real ou se é apenas fruto da imaginação de seu criador. A verdade é que o Wally e o Uby (que eu conhecia) tinham algo em comum: gostavam de ser percebidos, notados no meio da multidão. Mas afinal, quem não gosta de ser notado? Desde o mais humilde e acanhado vivente da espécie humana até o mais vaidoso e extravagante ser gosta de ser reconhecido, de ser percebido.

No mundo das modernas e admiradas máquinas, dos apelos visuais e midiáticos constantes o ser humano tem se esforçado sobremaneira para não virar coisa, para não ser apenas mais uma mercadoria disponível nas grandes redes de consumo. Neste sentido, o desejo e a necessidade de ser notado ganha outra dimensão e ultrapassa o campo da vaidade. Se colocar diante do mundo como um ser que sonha, que luta para sobreviver com dignidade, que é reconhecido e respeitado tem sido a grande tarefa dos ditos animais racionais.

O Uby era assim, simplesmente alguém que ousava sobreviver da sua arte, que acreditava utopicamente, mesmo nesta sociedade capitalista e violenta, que a poesia poderia salvar o mundo e ajudar os se-



res humanos a serem melhores e mais felizes. De bar em bar, de esquina em esquina da capital catarinense ia ofertando e vendendo a sua arte poética. Da poesia não procurava apenas extrair o seu sustento material e o de sua família, mas também a sua razão de viver. Nela depositava a crença e a esperança de um mundo mais humanizado.

Engana-se quem pensa que o Uby era um irresponsável desvairado, ele sabia e vivia a dureza do mundo real. Mas, ao não se conformar com isto e com as injustiças pregava, feito profeta, o mundo poético; onde homens e mulheres pudessem se enxergar verdadeiramente como seres humanos. A última vez que conversei com o Uby foi na feira do livro de Florianópolis, ele estava muito triste, deprimido, visivelmente sem expressão e sem forças para enfrentar

a vida como ela é. Numa rápida conversa, tentei animá-lo e motivá-lo a enxergar outras possibilidades – que sabia de antemão que era muito pouco provável que ele (devido ao seu estado emocional) as alcançaria.

Foi uma tentativa inócua, reconheço, mas foi o que consegui fazer na ocasião desse que seria inesperadamente o nosso último encontro. O Uby se foi, colocou um fim em sua própria vida. Por mais paradoxal que pareça, a ausência agora do Uby é a constatação do quanto esse poeta era notado nesta cidade cercada por shoppings. O Uby, vaidoso e com baixa auto estima, não conseguiu perceber isto e se ressentia da falta de reconhecimento de seu trabalho. O que, em certa medida, é verdade: Afinal, a capital dos grandes meios de comunicação que só

concede espaço para os escritores e poetas oficiais, e bem comportados, pouco se lixa para os ditos alternativos.

Mas o Uby tinha o carinho e respeito de seus amigos, o reconhecimento de outros escritores pelo seu trabalho e sua ousadia. Quantos de nós escritores, poetas, tiveram e tem a coragem de tentar viver de sua arte (a expressão mais genuína da existência humana)? Quanto de nós largaria a zona de conforto de uma sobrevivência material garantida por um emprego fixo? Quanto de nós arriscaria exercitar a liberdade de autodeterminar a sua sobrevivência? Quem de nós não hesitaria em apropriar-se plenamente do tempo, sem nenhum tipo de controle social? Simples assim, claro que não! Viver está muito mais complexo agora do que em outras épocas.

O Uby não conseguiu sobreviver de sua arte poética, partiu sem ser reconhecido pelo seu trabalho. Se foi, com a impressão de que não era notado no meio da multidão (ao contrário do Wally, aquele personagem do livro). No entanto, pelo grande ser humano que era e por sua profecia poética não partiu sem antes nos advertir: Os homens e mulheres nesta sociedade só conseguirão realmente ser felizes quando se apropriarem de sua verdadeira condição humana e, sem a arte, a humanidade está destinada a ser um objeto dos que a vem dominando ao longo dos séculos.

Onde está o Uby agora pouco importa, mas onde ele esteve sua passagem não foi em vão!